

Blumer, Herbert. Implicação sociológica do pensamento de George Herbert Mead. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n. 48, p. 45-56, dezembro de 2017. ISSN 1676-8965

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

Implicação sociológica do pensamento de George Herbert Mead

Sociological implications of the thought of George Herbert Mead

Herbert Blumer

Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury

Recebido: 10.07.2017

Aceito: 15.08.2017

Resumo: O objetivo deste artigo é o de descrever a natureza da sociedade humana do ponto de vista de George Herbert Mead. O desenvolvimento de suas ideias da sociedade humana tomou a forma de mostrar que a vida grupal humana era a condição essencial para o surgimento da consciência, da mente, do mundo dos objetos, dos seres humanos como organismos que possuem o self e da conduta humana em forma de atos construídos. Ele inverteu os pressupostos tradicionais subjacentes ao pensamento filosófico, psicológico e sociológico para o efeito de que os seres humanos possuem mentes e consciência como originalmente "dados", que vivem em mundos de objetos pré-existentes e autoconstituídos e que seu comportamento consiste em respostas a tais objetos, e essa vida em grupo consiste na associação de organismos humanos reagentes. Este artigo tenta apresentar o esquema meadiano implícito em sua obra, através de um rastreamento das implicações dos assuntos centrais por ele analisadas, quais sejam o self, o ato, interação social, objetos e a ação conjunta. **Palavras-chave:** George Herbert Mead, self, interação social, ação conjunta, análise social

Abstract: The purpose of this article is to describe the nature of human society from George Herbert Mead's point of view. The development of his ideas of human society took the form of showing that human group life was the essential condition for the emergence of consciousness, of mind, of the world of objects, of human beings as self-possessing organisms, and of human conduct in Form of acts constructed. He reversed the traditional assumptions underlying philosophical, psychological, and sociological thinking to the effect that human beings possess minds and consciousness as originally "given", living in worlds of preexisting and self-constituted objects, and that their behavior consists of responses to Such objects, and this group life consists of the association of human reactive organisms. This article tries to present the Meadian scheme implied in his work, through a tracing of the implications of the central subjects analyzed by him, such as self, act, social interaction, objects and joint action. **Keywords:** George Herbert Mead, self, social interaction, joint action, social analysis

Meu objetivo é descrever a natureza da sociedade humana quando visto do ponto de vista de George Herbert Mead*. Enquanto Mead deu à sociedade humana uma posição de primordial importância em seu esquema de pensamento, ele fez pouco para descrever seu caráter. Sua preocupação central foi com os problemas cardinais da filosofia.

* Publicado originalmente sob o título: "Sociological implications of the thought of George Herbert Mead". *American Journal of Sociology*, v. 71, i. 5, p. 535-544, 1966. O corpo editorial da *RBSE* agradece ao *American Journal of Sociology* a permissão de publicar a tradução deste texto neste número da revista.

O desenvolvimento de suas ideias da sociedade humana foi amplamente limitado ao tratamento desses problemas. Seu tratamento tomou a forma de mostrar que a vida grupal humana era a condição essencial para o surgimento da consciência, da mente, do mundo dos objetos, dos seres humanos como organismos que possuem o self e da conduta humana em forma de atos construídos. Ele inverteu os pressupostos tradicionais subjacentes ao pensamento filosófico, psicológico e sociológico para o efeito de que os seres humanos possuem mentes e consciência como originalmente "dados", que vivem em mundos de objetos pré-existentes e autoconstituídos e que seu comportamento consiste em respostas a tais objetos, e essa vida em grupo consiste na associação de organismos humanos reagentes. Ao fazer suas brilhantes contribuições ao longo desta linha, ele não elaborou um esquema teórico da sociedade humana. No entanto, tal esquema está implícito em seu trabalho. Ele deve ser construído através do rastreamento das implicações dos assuntos centrais que ele analisou. Isto é o que eu proponho fazer. Os assuntos centrais que devo considerar são (1) o eu, (2) o ato, (3) interação social, (4) objetos e (5) ação conjunta.

O Self

As imagens de Mead sobre o ser humano como ator diferem radicalmente da concepção do homem que domina as ciências psicológicas e sociais atuais. Ele viu o ser humano como um organismo que tem um self. A posse de um self converte o ser humano em um tipo especial de ator, transforma sua relação com o mundo e dá a sua ação um caráter único. Ao afirmar que o ser humano tem um self, Mead simplesmente quis dizer que o ser humano é um objeto para si mesmo. O ser humano pode perceber a si mesmo, ter concepções de si mesmo, se comunicar com ele mesmo e agir em direção a si próprio. Como esses tipos de comportamento implicam, o ser humano pode se tornar o objeto de sua própria ação. Isso lhe dá os meios de interação consigo mesmo - dirigindo-se a si mesmo, respondendo ao agenciamento e voltando a dirigir-se a si mesmo. Essa autointeração toma a forma de fazer indicações para si mesmo e atender a essas indicações fazendo novas e posteriores indicações. O ser humano pode designar coisas para si mesmo - seus desejos, suas dores, seus objetivos, objetos ao seu redor, a presença de outros, suas ações, suas ações esperadas ou outras coisas. Através de uma maior interação com ele, ele pode julgar, analisar e avaliar as coisas que ele designou para si mesmo. E ao continuar interagindo consigo mesmo, ele pode planejar e organizar sua ação no que diz respeito ao que ele projetou e avaliou. Em suma, a posse de um eu fornece ao ser humano um mecanismo de autointeração com o qual conhecer o mundo - um mecanismo que é usado para formar e orientar sua conduta.

Desejo salientar que Mead viu o self como um processo e não como uma estrutura. Aqui Mead claramente parte em mão contrária a grande maioria dos estudiosos que buscam encontrar um self em um ser humano, identificando-o com algum tipo de organização ou estrutura. Todos nós estamos familiarizados com esta prática porque está ao nosso redor na literatura. Assim, vemos estudiosos que identificam o self com o "ego", ou que consideram o self como um corpo organizado de necessidades ou motivos, ou que pensam nisso como uma estrutura de normas e valores internalizados. Tais esquemas que procuram alojar o self em uma estrutura não fazem sentido, pois eles esquecem o processo reflexivo que, por si só, pode produzir e constituir um self. Para que qualquer estrutura postulada seja um self, teria que agir e responder a si mesma - caso contrário, é meramente uma organização que aguarda ativação e liberação sem exercer qualquer efeito sobre si mesmo ou sobre o seu funcionamento. Isso marca a fraqueza crucial como referido acima, que associa equivocadamente o self com algum tipo de estrutura psicológica ou de personalidade. Por exemplo, o ego como tal, não é um self;

seria um self apenas por se tornar reflexivo, isto é, agir para ou em direção a si próprio. E o mesmo é verdade para qualquer outra estrutura psicológica postulada. No entanto, essa ação reflexiva muda tanto o status como o caráter da estrutura e eleva o processo de autointeração para a posição de maior importância.

Podemos ver isso no caso do processo reflexivo que Mead isolou no ser humano. Como mencionado, esse processo reflexivo assumiu a forma da pessoa fazendo indicações para si mesmo, isto é, observando as coisas e determinando o seu significado para sua linha de ação. Para indicar que algo é contra e colocar-se na posição de atuar em sua direção em vez de responder automaticamente a ele. Em face de algo que se indica, pode-se reter a ação em relação a ele, inspecioná-lo, julgá-lo, verificar seu significado, determinar suas possibilidades e dirigir a ação a respeito. Com o mecanismo da autointeração, o ser humano deixa de ser um organismo respondente cujo comportamento é um produto do que se joga sobre ele de fora, de dentro ou ambos. Em vez disso, ele age em direção ao seu mundo, interpretando o que o confronta e organizando sua ação na base da interpretação. Para ilustrar: uma dor que identifica e interpreta é muito diferente de um mero sentimento orgânico e estabelece a base para fazer algo sobre isso em vez de simplesmente responder organicamente a ele; Notar e interpretar a atividade de outra pessoa é muito diferente de ter uma liberação de resposta por essa atividade; Ser certo se alguém está com fome é muito diferente de estar com fome; perceber o "ego" de alguém coloca alguém na posição de fazer algo em relação a ele, em vez de simplesmente expressar o ego. Como mostra esta ilustração, o processo de autointeração coloca o ser humano contra seu mundo, em vez de apenas nele, exige que ele atenda e manipule seu mundo através de um processo definidor ao invés de simplesmente responder a ele e o obriga a construir sua ação em vez de simplesmente liberá-la. Este é o tipo de atuação de um organismo que Mead vê no homem como resultado de ter um self¹.

O ato

A ação humana adquire um caráter radicalmente diferente como resultado de se formar através de um processo de autointeração. A ação é construída para lidar com o mundo em vez de simplesmente ser liberada de uma estrutura psicológica pré-existente por fatores que atuam nessa estrutura. Ao fazer indicações para si mesmo e ao interpretar o que elas indicaram, o ser humano deve forjar ou juntar a isso uma linha de ação. Para agir, o indivíduo precisa identificar o que ele quer; estabelecer um objetivo ou meta; mapear uma linha prospectiva de comportamento; anotar e interpretar as ações dos outros; ampliar a sua situação; chegar a si mesmo neste ou naquele ponto; descobrir o que fazer em outros pontos; e, frequentemente, estimular a si mesmo diante das disposições de envolver ou desencorajar configurações. O fato de que o ato humano é autodirigido ou construído não significa, em nenhum sentido, que o ator necessariamente exerça excelência em sua construção. Na verdade, ele pode realizar um trabalho muito pobre na construção de seu ato. Ele pode deixar de notar coisas de que ele deve estar ciente, ele pode interpretar mal as coisas que ele observa, ele pode exercer um julgamento pobre, ele pode errar ao mapear linhas prospectivas de conduta, e ele pode estar sem energia para lutar contra as disposições recalcitrantes. Tais deficiências na construção de seus atos não depreciam o fato de que sua ação ainda é construída por ele a partir do que ele leva em consideração. O que ele leva em consideração são as coisas que ele indica para si mesmo. Eles abordam assuntos como seus desejos, seus sentimentos, seus objetivos,

¹ O self, ou mesmo o ser humano, não é trazido à imagem apenas pela introdução de elementos psicológicos, como motivos e interesses, ao lado de elementos sociais. Essas adições simplesmente compõem o erro da omissão. Esta é a falha de George Homan (1964) no seu discurso presidencial de abertura do Encontro Anual da *American Sociological Association*.

as ações dos outros, as expectativas e exigências dos outros, as regras de seu grupo, sua situação, suas concepções de si mesmo, suas lembranças e suas imagens de linhas prospectivas de conduta. Ele não se encontra na mera posição do destinatário de responder a tais assuntos; ele se depara com eles e tem que lidar com eles. Ele tem que organizar ou cortar suas linhas de conduta com base em como ele lida com elas.

Esta maneira de ver a ação humana é diretamente oposta àquela que domina as ciências psicológicas e sociais. Nessas ciências a ação humana é vista como produto de fatores que agem sobre ou através do ator humano. Dependendo da preferência do erudito, tais fatores determinantes podem ser estímulos psicológicos, movimentos orgânicos, necessidades, sentimentos, motivos inconscientes, motivações conscientes, sentimentos, idéias, atitudes, normas, valores, requisitos de função, demandas de status, prescrições culturais, pressões institucionais, ou requisitos do sistema social. Independentemente de quais fatores é escolhida, isoladamente ou em combinação, a ação é considerada como seu produto e, portanto, é explicada em seus termos. A fórmula é simples: determinados fatores agem sobre o ser humano para produzir tipos de comportamento. A fórmula é frequentemente amplificada de modo a ler: em condições especificadas, fatores determinados que funcionem em uma determinada organização do ser humano produzirão um determinado tipo de comportamento. A fórmula, na sua forma simples ou ampliada, representa a forma como a ação humana é vista em teoria e pesquisa. Sob a fórmula, o ser humano se torna um mero e médio para o funcionamento dos fatores que produzem o comportamento. O esquema de Mead é fundamentalmente diferente dessa fórmula. No lugar de ser um mero meio para a operação de fatores determinantes que jogam sobre e em torno a ele, o ser humano é visto como um organismo ativo em seu próprio direito, enfrentando, lidando e agindo em direção a esse objeto que ele indica. A ação é vista como uma conduta que é construída pelo ator em vez da resposta provocada por algum tipo de organização realizada nele. Podemos dizer que a fórmula tradicional da ação humana não reconhece que o ser humano é um self. O esquema de Mead, em contraste, é baseado nesse reconhecimento.

Interação social

Posso dar aqui apenas um breve esboço da análise altamente iluminadora de Mead sobre a interação social. Ele identificou duas formas ou níveis - interação não simbólica e interação simbólica. Na interação não simbólica, o ser humano responde diretamente aos gestos ou ações uns dos outros; na interação simbólica, eles interpretam os gestos uns dos outros e atuam com base no significado adotado pela interpretação. Uma resposta inconsciente ao tom da voz de outro ilustra a interação não simbólica. Interpretar a agitação de um punho como significando que uma pessoa está se preparando para atacar ilustra a interação simbólica. A preocupação de Mead era predominantemente com a interação simbólica. A interação simbólica envolve *interpretação* ou verificação do significado das ações ou observações da pessoa, e *definição*, ou transmitir indicações a outra pessoa quanto a como ele deve agir. A associação humana consiste em um processo de interpretação e definição. Através deste processo, os participantes encaixam seus próprios atos para os atos em curso e orientam os outros para fazê-lo.

Vários assuntos importantes precisam ser assinalados no caso da interação simbólica. Primeiro, É um processo formativo por direito próprio. A prática prévia de psicologia e sociologia é tratar a interação social como um meio neutro, como um mero fórum para a operação de fatores externos. Assim, os psicólogos são levados a explicar o comportamento das pessoas na interação, recorrendo a elementos do equipamento psicológico dos participantes - elementos como motivos, sentimentos, atitudes ou organização da personalidade. Os sociólogos fazem o mesmo tipo de coisa recorrendo a fa-

tores sociais, como prescrições culturais, valores, papéis sociais ou pressões estruturais. Ambos esquecem o ponto central de que a interação humana é um processo de modelagem positiva por direito próprio. Os participantes nele têm que construir suas respectivas linhas de conduta por uma interpretação constante dos planos de ação de cada um dos outros. Como os participantes tomam em consideração os atos em curso uns dos outros, eles têm que atrelar, reorganizar ou ajustar suas próprias intenções, desejos, sentimentos e atitudes; Além disso, eles devem julgar a adequação de normas, valores e prescrições grupais para a situação formada por atos de outros. Fatores de equipamento psicológico e organização social não são substitutos do processo interpretativo; eles são admissíveis apenas em termos de como eles são tratados no processo interpretativo. A interação simbólica deve ser vista e estudada por direito próprio.

A interação simbólica é notável em uma segunda maneira. Por causa disso, a vida de um grupo humano assume o caráter de um processo contínuo - uma questão contínua de desenvolvimento de linhas de conduta é feita através do processo duplo de definição e interpretação. Este processo dual opera tanto para sustentar padrões estabelecidos de conduta conjunta quanto para abri-los para a transformação. Existem padrões estabelecidos de vida grupal que persistem apenas através do uso contínuo dos mesmos esquemas de interpretação; e esses esquemas de interpretação são mantidos somente através de sua confirmação contínua pelos atos definidores de outros. É altamente importante reconhecer que os padrões estabelecidos de vida em grupo simplesmente não continuam sozinhos, mas são dependentes de sua continuidade na definição afirmativa recorrente. Deixe as interpretações que as sustentam ser indeterminadas ou interrompidas por definições alteradas de outros e os padrões podem colapsar rapidamente. A dependência das interpretações sobre os atos definidores dos outros também explica por que a interação simbólica conduz tão acentuadamente à transformação das formas de atividade conjunta que compõem a vida grupal. No fluxo da vida grupal existem inúmeros pontos em que os participantes estão redefinindo os atos uns dos outros. Essa redefinição é muito comum nas relações adversárias, é frequente na discussão grupal e é essencialmente intrínseco ao tratamento de problemas. (E posso observar aqui que nenhum grupo humano está livre de problemas). A redefinição transmite um caráter formativo à interação humana, dando origem a esse ou aquele ponto para novos objetos, novas concepções, novas relações e novos tipos de comportamento. Em suma, a dependência da interação simbólica torna a vida de grupo humano um processo de desenvolvimento em vez de uma mera questão ou produto de uma estrutura psicológica ou social.

Existe um terceiro aspecto da interação simbólica que é importante observar. Ao tornar o processo de interpretação e definição do ato um do outro central na interação humana, a interação simbólica é capaz de cobrir todo o alcance das formas genéricas de associação humana. Abrangem igualmente boas relações como a cooperação, o conflito, a dominação, a exploração, o consenso, o desacordo, a identificação e a preocupação indiferente de uns com os outros. Os participantes em cada uma dessas relações têm a mesma tarefa comum de construir seus atos interpretando e definindo os atos de cada um. O significado dessa observação simples torna-se evidente na interação simbólica contrastante com os vários esquemas de interação humana que se encontram na literatura. Quase sempre esses esquemas constroem um modelo geral de interação ou sociedade humana com base em um tipo particular de relação humana. Uma instância contemporânea notável é o esquema de Talcott Parsons, que presume e afirma que a forma primordial e genérica da interação humana é a "complementaridade das expectativas". Outros esquemas retratam o modelo básico e genérico da interação humana como sendo "conflito", outros afirmam que é "identidade através de sentimentos comuns", e ainda

outros que é acordo sob a forma de "consenso". Tais esquemas são paroquiais. O seu grande perigo reside na imposição da amplitude da interação humana, uma imagem derivada do estudo de uma única forma de interação. Assim, em diferentes mãos, a sociedade humana é fundamentalmente uma partilha de valores comuns; Ou, inversamente, uma luta pelo poder; Ou ainda diferente, o exercício do consenso; e assim por diante. O ponto simples implícito na análise de Mead da interação simbólica é que os seres humanos, na interpretação e na definição mútua de um ato, podem e se encontram em toda a gama de relações humanas. Os esquemas propostos da sociedade humana devem respeitar esse ponto simples.

Objetos

The concept of objects is another fundamental pillar in Mead's scheme of analysis. Human beings live in a world or environment of objects, and their activities are formed around objects. This bland statement becomes very significant when it is realized that for Mead objects are human constructs and not self-existing entities with intrinsic natures. Sua natureza depende da orientação e ação das pessoas em relação a eles. Deixe-me explicar isso. Para Mead, um objeto é qualquer coisa que possa ser designada ou recomendada. Pode ser fisicamente como uma cadeira ou imaginário como um fantasma, natural como uma nuvem no céu ou produzido pelo homem como um automóvel, material como o *Empire State Building* ou abstrato como o conceito de liberdade, animado como elefante ou inanimado como um veio de Carvão, inclusive uma classe de pessoas como político; ou restrito a uma pessoa específica como o presidente de Gaulle, definido como uma tabela de multiplicação ou vago como uma doutrina filosófica. Em suma, os objetos consistem no que as pessoas indicam ou se referem.

Existem vários pontos importantes nesta análise de objetos. Primeiro, a natureza de um objeto é constituída pelo significado que tem para a pessoa ou pessoas para quem é um objeto. Em segundo lugar, esse significado não é intrínseco ao objeto, mas surge sobre como a pessoa está preparada para agir em sua direção. A prontidão para usar uma cadeira como algo para se sentar dá o significado de uma cadeira; para alguém sem experiência com o uso de cadeiras, o objeto apareceria com diferentes significados, como, por exemplo, uma arma estranha. Segue-se que os objetos variam em seu significado. Uma árvore não é o mesmo objeto para um lenhador, um botânico ou um poeta; uma estrela é um objeto diferente para um astrônomo moderno do que era para um pastor da antiguidade; o comunismo é um objeto diferente para um patriota soviético do que para um corretor de Wall Street. Em terceiro lugar, os objetos - todos os objetos - são produtos sociais na medida em que são formados e transformados pelo processo de definição que ocorre na interação social. O significado dos objetos - cadeiras, árvores, estrelas, prostitutas, santos, comunismo, educação pública ou outro - é formado pelas maneiras pelas quais outros se referem a esses objetos ou agem em sua direção. Em quarto lugar, as pessoas estão preparadas ou conformadas para agir em direção a objetos com base no significado dos objetos para elas. Em um sentido genuíno de organização um ser humano consiste em seus objetos, isto é, em sua tendência para agir com base em seus significados. Em quinto lugar, só porque um objeto é algo designado, pode-se organizar a ação para ele em vez de responder imediatamente a ele; Pode-se inspecionar o objeto, pensar sobre isso, elaborar um plano de ação em direção a ele ou decidir se age ou não em relação a ele. Ao se deparar com o objeto em sentido lógico e psicológico, a pessoa é liberada da resposta coerciva a ele. Neste sentido profundo, um objeto é diferente de um estímulo como concebido ordinariamente.

Esta análise de objetos coloca a vida de grupo humano em uma perspectiva nova e interessante. Os seres humanos são vistos como vivendo em um mundo de objetos

significativos - não em um ambiente de estímulo ou entidades de autoconstituídas. Este mundo é produzido socialmente na medida em que os significados são fabricados através do processo de interação social. Assim, mundos diferentes - e esses mundos mudam à medida que os objetos que os compõem mudam de significado. Uma vez que as pessoas estão configuradas para agir em termos dos significados de seus objetos, o mundo dos objetos de um grupo representa, no sentido genuíno, a sua organização de ação. Para identificar e compreender a vida de um grupo é necessário identificar o mundo dos objetos; Essa identificação deve ser em termos dos significados que os objetos têm para os membros do grupo. Finalmente, as pessoas não estão tolhidas em seus objetos; elas podem verificar a ação em direção a eles e, de fato, elaborar linhas de atuação sobre eles. Esta condição introduziu na vida grupal humana uma fonte natural e efervescente de transformação.

Ação conjunta

Eu uso o termo "ação conjunta" no lugar do termo "ato social" de Mead. Refere-se à ampla forma de ação coletiva que é constituída pela adequação das linhas de comportamento dos participantes separados. A ilustração da ação conjunta é uma transação comercial, um jantar familiar, uma cerimônia de casamento, uma expedição de compras, um jogo, uma festa de convivência, um debate, um julgamento judicial ou uma guerra. Observamos, em cada caso, uma forma identificável e distintiva de ação conjunta, composta por uma articulação dos atos dos participantes. A ação conjunta varia de uma colaboração simples de dois indivíduos para um alinhamento complexo dos atos de grandes organizações ou instituições. Toda vez que olhamos para uma sociedade humana, vemos as pessoas envolvidas em formas de ação conjunta. Na verdade, a totalidade de tais instâncias - em toda sua variedade multidimensional, suas conexões variáveis e suas complexas redes - constituem a vida de uma sociedade. É fácil entender essas observações porque Mead viu a ação conjunta, ou o ato social, como a característica distintiva da sociedade. Para ele, o ato social foi a unidade fundamental da sociedade. Por conseguinte, a sua análise revela a natureza genérica da sociedade.

Para começar, uma ação conjunta não pode ser definida como um comportamento comum ou do mesmo tipo por parte dos participantes. Cada participante ocupa necessariamente uma posição diferente, atua a partir dessa posição e se engaja em um ato separado e distintivo. É o conjunto desses atos e não a sua comunalidade que constitui a ação conjunta. Como esses atos separados se encaixam no fato da sociedade humana? Seu alinhamento não ocorre através de simples malabarismos mecânicos, como na agitação de nozes em um frasco ou através de adaptação involuntária, como em um arranjo ecológico em uma comunidade vegetal. Em vez disso, os participantes por seus atos contíguos, primeiro, identificando o ato social em que estão prestes a se envolver e, segundo, interpretando e definindo os atos uns dos outros na formação da ação conjunta, está apto a se orientar e neles e sobre eles atuar. Ao identificar o ato social ou a ação conjunta, o participante é capaz de se orientar; ele possui uma chave para interpretar os atos de outros e um guia para dirigir suas ações em relação a eles. Assim, para agir adequadamente, o participante deve identificar uma cerimônia de casamento como uma cerimônia de casamento, um assalto como um assalto, um debate como um debate, uma guerra como uma guerra, e assim por diante. Mas, mesmo que essa identificação seja feita, os participantes na ação conjunta que está sendo formada ainda acham necessário interpretar e definir os atos em curso uns dos outros. Eles têm que verificar o que os outros estão fazendo e planejam fazer e fazem indicações sobre o que fazer.

Esta breve análise da ação conjunta nos permite notar vários assuntos de extrema importância. Chama a atenção, em primeiro lugar, para o fato de que a essência da soci-

idade está em um processo contínuo de ação – e não em uma estrutura de relações posta. Sem ação, qualquer estrutura de relações entre pessoas não tem sentido. Para ser entendida, uma sociedade deve ser vista e compreendida em termos da ação que a compreende. Em seguida, essa ação deve ser vista e tratada, não traçando as separadas linhas de ação dos participantes - se os participantes são indivíduos singulares, coletividades ou organizações – mas, em termos de ação conjunta em que as linhas de ação separadas se encaixam e se fundem. Poucos estudiosos das sociedades humanas compreenderam esse ponto ou suas implicações. Em terceiro lugar, apenas porque é construída ao longo do tempo pela montagem conjunta de atos, cada ação conjunta deve ser vista como tendo uma carreira ou uma história. Ao ter uma carreira, o curso e o destino dependem do que ocorre na formação. Em quarto lugar, esta carreira é geralmente ordenada, fixa e repetitiva em virtude de uma identificação ou definição comum da ação conjunta feita por seus participantes. Esta definição comum fornece a cada participante uma orientação decisiva na direção de seu próprio ato, de modo a se adequar aos atos dos outros. Essa definição comum serve, acima de tudo, para explicar a regularidade, estabilidade e repetitividade da ação conjunta em vastas áreas de vida grupal; ela é a fonte do comportamento social estabelecido e regulado que é imaginado no conceito de cultura. Em quinto lugar, no entanto, a carreira de ações conjuntas também deve ser vista como aberta a muitas possibilidades de incerteza. Deixe-me especificar o mais importante dessas possibilidades. 1), ações conjuntas podem ser iniciadas - e elas podem não ser. 2), uma vez iniciada uma ação conjunta pode ser interrompida, abandonada ou transformada. 3), os participantes podem não fazer uma definição comum da ação conjunta em que são jogados e, portanto, podem orientar seus atos em diferentes premissas. 4), uma definição comum de uma ação conjunta ainda pode permitir grandes diferenças nas direções das linhas de ação separadas e, portanto, no curso adotado pela ação conjunta; a guerra é um grande exemplo. 5), podem surgir novas situações que exigem tipos de ação conjunta até então inexistentes, levando a esforços exploratórios confusos para elaborar um conjunto de atos. E, 6), mesmo no contexto de uma ação conjunta comumente definida, os participantes podem ser levados a confiar em outras considerações na interpretação e definição das linhas de ação de cada um. Mencioná-los deve ser suficiente, no entanto, para mostrar que incerteza, contingência e transformação é parte integrante do processo de ação conjunta. Assumir que as ações conjuntas diversificadas que compõem uma sociedade humana estão definidas para seguir vias fixas e estabelecidas é uma pura suposição gratuita.

A partir da discussão anterior sobre o self, o ato, a interação social, os objetos e a ação conjunta, nós podemos esboçar um quadro da sociedade humana. Este quadro é composto em termos de ação. Uma sociedade é vista como pessoas que conhecem as variedades de situações que lhes são impostas por suas condições de vida. Essas situações são atendidas através da elaboração de ações conjuntas nas quais os participantes devem alinhar seus atos uns aos outros. Cada participante faz isso interpretando os atos de outros e, por sua vez, fazendo indicações a outros sobre como eles devem agir. Em virtude desse processo de interpretação e definição, são criadas ações conjuntas; elas têm carreiras. Normalmente, o curso de uma ação conjunta é delineado antecipadamente pelo fato de que os participantes fazem uma identificação comum dela; isso produz a regularidade, estabilidade e repetição na ação conjunta. No entanto, existem muitas ações conjuntas que enfrentam obstruções, que não possuem caminhos pré-estabelecidos, e que devem ser construídas ao longo de novas linhas. Mead viu a sociedade humana dessa maneira - como um processo social diversificado no qual as pessoas estavam empenhadas em formar ações conjuntas para lidar com as situações que enfrentam.

Esta imagem da sociedade contrasta significativamente com os pontos de vista determinantes da sociedade nas ciências sociais e psicológicas - mesmo para aqueles que pretendem considerar a sociedade como uma ação. Para apontar as principais diferenças no contraste da melhor maneira de especificar as implicações sociológicas do esquema de pensamento de Mead.

A principal diferença é que os pontos de vista dominantes em sociologia e psicologia falham, igualmente, em ver os seres humanos como organismos que possuem selves. Em vez disso, eles consideram os seres humanos como organismos apenas respondentes e, portanto, tratam a ação como uma mera resposta aos fatores lançados sobre os seres humanos. Isto é exemplificado nos esforços para explicar o comportamento humano por fatores como motivos, demandas do ego, atitudes, requisitos de papel, valores, expectativas de status e estresses estruturais. Em tais abordagens, o ser humano torna-se um mero meio através do qual tais fatores de inicialização funcionam para produzir dadas ações. Do ponto de vista de Mead, tal concepção deturpa grosseiramente à natureza dos seres humanos e da ação humana. O esquema de Mead interpõe um processo de autointeração entre os fatores iniciantes e a ação que pode seguir em sua sequência. Em virtude da autointeração, o ser humano torna-se um organismo atuante que lida com situações em vez de ser um organismo que apenas responde aos fatores em jogo. E sua ação se torna algo que ele constrói no lugar de um desenrolar de reações evocadas a partir dele. Ao introduzir o self, a posição de Mead se concentra em como o ser humano lida e forma o seu mundo, e não em respostas diferentes aos fatores imputados.

Se os seres humanos são, de fato, organismos com selves, e se sua ação é, portanto, um resultado de um processo de autointeração, esquemas que pretendem estudar e explicar a ação social deve respeitar e acumular essas características. Para isso, os esquemas atuais da sociologia e da psicologia teriam que passar por uma revisão radical. Eles teriam que mudar de uma preocupação com o fator inicial e o resultado final para uma preocupação com o processo de formação. Eles teriam que ver a ação como algo construído pelo ator em vez de algo evocado a partir dele. Eles teriam que descrever o meio de ação em termos de como o meio aparece para o ator em lugar de como ele aparece para o estudioso externo. Eles teriam que incorporar o processo interpretativo que atualmente não se dignam tocar. Eles teriam que reconhecer que qualquer ato dado tem uma carreira na qual ele é construído, mas na qual pode ser interrompido, suspenso, abandonado ou reformulado. Do lado metodológico ou da pesquisa, o estudo da ação deveria ser feito a partir da posição do ator. Uma vez que a ação é forjada pelo ator além do que ele percebe, interpreta e julga, alguém teria que ver a situação operacional como o ator a vê; perceber objetos como o ator os percebe; verificar o seu significado em termos do significado que eles têm para o ator e seguir a linha de conduta do ator à medida que o ator o organiza, - em suma, seria preciso assumir o papel do ator e ver o seu mundo desde seu ponto de vista. Esta abordagem metodológica está em contraste com a chamada abordagem objetiva tão dominante hoje, ou seja, a de ver o ator e sua ação a partir da perspectiva de um observador estranho, destacado. A abordagem "objetiva" mantém o perigo de o observador substituir a sua visão do campo de ação para a visão do ator. Não é necessário acrescentar que o ator age em direção ao seu mundo com base em como ele o vê, e não com base em como esse mundo aparece para o observador externo.

Ao prosseguir a discussão sobre este assunto, gostaria de considerar especialmente o que poderíamos denominar a concepção estrutural da sociedade humana. Esta concepção considera a sociedade como uma organização estabelecida, familiar para nós em termos de estrutura social, sistema social, posição de status, papel social, esterilização social, estrutura institucional, padrões culturais, códigos sociais, normas sociais e

valores sociais. A concepção pressupõe que uma sociedade humana esteja estruturada em relação (a) as posições sociais ocupadas pelas pessoas nela e em relação (b) aos padrões de comportamento em que se envolvem. Presume-se ainda que esta estrutura interligada de posições e padrões comportamentais é o determinante geral das ações sociais; Isto é evidenciado, é claro, na prática de explicar a conduta por conceitos estruturais como requisitos de função, tais demandas, diferenças de estratos, prescrições culturais, valores e normas. Ação social se divide em duas categorias gerais: a conformidade, marcada pela adesão à estrutura, e o desvio, marcado pela saída da mesma. Devido à posição central e determinante em que é elevada, a estrutura torna-se necessariamente o objeto abrangente de estudo e análise sociológica - epitomizada pela afirmação quase universal de que um homem ou sociedade humana é um "sistema social". Talvez seja desnecessário observar que a concepção da sociedade humana como estrutura ou organização está enraizada na própria medula da sociologia contemporânea.

O esquema de Mead definitivamente desafia essa concepção. Ele vê a sociedade humana não como uma estrutura estabelecida, mas como pessoas que atendem às suas condições de vida; vê a ação social não como uma emanção da estrutura social, mas como uma formação feita por atores humanos; ele vê esta formação de ação não como fatores sociais que se expressam por meio de organismos humanos, mas como construções feitas pelos atores do que eles levam em conta; ele vê a vida de grupo não como uma liberação ou expressão da estrutura estabelecida, mas como um processo que cria ações conjuntas; vê as ações sociais como tendo carreiras variáveis e não como confinadas às alternativas de conformidade ou desvio dos ditames da estrutura estabelecida; ele vê a chamada interação entre partes de uma sociedade não como um exercício direto de influência de uma parte em outra, mas, como mediada por interpretações feitas pelas pessoas; por conseguinte, ele vê a sociedade não como um sistema, em forma de equilíbrio estático, móvel ou de qualquer tipo de equilíbrio, mas, como um grande número de ações conjuntas que ocorrem, muitas intimamente ligadas, muitas não vinculadas, muitas prefiguradas e repetitivas, e outras sendo esculpadas em novas direções, e todas encaixadas para servir os propósitos dos participantes e não como requerimentos de um sistema. Eu disse o suficiente, penso eu, para apontar as drásticas diferenças entre a concepção mediana da sociedade e as concepções sociológicas generalizadas como estrutura.

As diferenças não significam, aliás, que a visão de Mead rejeite a existência de estrutura na sociedade humana. Tal posição seria ridícula. Há assuntos como papéis sociais, posições de status, ordens de classificação, organizações burocráticas, relações entre instituições, arranjos de autoridade diferencial, códigos sociais, normas, valores e similares e são muito importantes. Mas a sua importância não está em uma alegada determinação de ação, nem em uma suposta existência como parte de um sistema societário auto-operacional. Em vez disso, eles são importantes apenas quando entram no processo de interpretação e definição em que as ações conjuntas são formadas. A maneira e a extensão em que entram podem variar grandemente de acordo com a situação, dependendo do que as pessoas levam em consideração e de como avaliam o que elas tomam em consideração. Deixe-me dar uma breve ilustração. É ridículo, por exemplo, afirmar, como fizeram muitos sociólogos eminentes, que a interação social é uma interação entre papéis sociais. A interação social é obviamente uma interação entre *pessoas* e não entre papéis; as necessidades dos participantes são para interpretar e lidar com o que os confronta - como um tópico de conversa ou um problema - e não para expressar os seus papéis. É só nas relações altamente ritualísticas que a direção e o conteúdo de conduta podem ser explicados por papéis. Geralmente, a direção e o conteúdo são formados com o que as pessoas em interação precisam lidar. Se for verdade que os papéis afetam, em

graus variados, as fases da direção e o conteúdo da ação, é uma questão de determinação de caso a caso. Isso está muito longe de se afirmar a ação como sendo um produto de papéis. A observação que fiz nesta breve discussão de papéis sociais aplica-se com igual validade a todos os outros assuntos estruturais.

Outra implicação significativa do esquema de pensamento de Mead refere-se à questão do que mantém uma sociedade humana unida. Como sabemos, essa questão é convertida pelos sociólogos em um problema de unidade, estabilidade e ordem. E, como sabemos ainda mais, a resposta típica dada pelos sociólogos é que a unidade, a estabilidade e a ordem provêm de uma partilha em comum de certos assuntos básicos, como o código, os sentimentos e, sobretudo, os valores. Assim, a disposição é considerar o valor comum como a cola que mantém uma sociedade em conjunto, como o regulador de controle que traz e mantém as atividades em um relacionamento ordenado e como a força que preserva a estabilidade em uma sociedade. Por outro lado, considera-se que o conflito entre valor ou desintegração de valores cria desunião, desordem e instabilidade. Esta concepção da sociedade humana torna-se sujeita a grandes modificações se pensarmos que a sociedade é constituída por uma combinação de ação para formar ações conjuntas. Esse alinhamento pode ocorrer por vários motivos, dependendo das situações que exigem ação conjunta, e não precisam envolver, nem derivar, o compartilhamento de valores comuns. Os participantes podem ajustar seus atos uns aos outros em ações conjuntas ordenadas com base em compromissos, ou por coação, ou porque eles podem usar um ao outro para alcançar seus respectivos fins, ou porque é a coisa sensata a fazer, ou, ainda, por pura necessidade. Isto é particularmente provável que seja verdade em nossas sociedades complexas modernas com a sua grande diversidade de composição de linhas de interesse e seus respectivos mundos de preocupação. Em larga medida, a sociedade se torna a formação de relações viáveis. Procurar abranger, analisar e compreender a vida de uma sociedade sob o pressuposto de que a existência de uma sociedade depende necessariamente da partilha de valores pode levar a um tratamento forçado, a uma má interpretação grosseira e a linhas de interpretação erradas. Eu acredito que ao colocar a questão de como as pessoas são levadas a alinharem os seus atos em diferentes situações, - no lugar de premir que isso necessariamente exige e decorre de uma partilha de valores comuns, - a perspectiva mediana é a abordagem mais salutar e realista.

Há muitas outras implicações sociológicas significativas no esquema de pensamento de Mead que, sob o limite do espaço, não posso fazer mais do que mencionar. A socialização desloca seu caráter de uma internalização efetiva de normas e valores para uma capacidade cultivada para desempenhar eficazmente os papéis dos outros. O controle social se torna fundamental e necessariamente uma questão de autocontrole. A mudança social se torna um processo indígena contínuo na vida grupal humana em vez de um resultado episódico de fatores estranhos que jogam na estrutura estabelecida. A vida grupal humana é vista como sempre incompleta e em desenvolvimento, em vez de saltar de um estado completo para outro. A desorganização social é vista não como uma quebra da estrutura existente, mas como uma incapacidade de mobilizar a ação efetivamente diante de uma determinada situação. A ação social, já que tem uma carreira, é reconhecida como tendo uma dimensão histórica que deve ser levada em consideração para ser adequadamente compreendida.

Para terminar, gostaria de dizer que esta minha apresentação necessariamente viu muito no interior do esquema de Mead, que é de grande importância. Além disso, não procurei demonstrar a validade de sua análise. No entanto, tentei sugerir o frescor, a fecundidade e as implicações revolucionárias do seu ponto de vista.

Referências

Homan, George. Trazendo o homem de volta. *American Sociological Review*, v. 29, n. 6, p. 809-818, 1964.